

# VIOLÊNCIA ESCOLAR: QUESTÕES DE VIOLÊNCIA RACIAL DENTRO DA ESCOLA

FONSECA, C. A. G.<sup>1</sup>; SOUZA, D. F.<sup>2</sup>;

<sup>1</sup> Supervisão Pedagógica/EMEB Joaquim Vicente de Oliveira – Itapema SC, carlosgomesfonseca@hotmail.com

<sup>2</sup> Educação Infantil/Escola Municipal, diana@ensinablumenau.sc.gov.br

**Palavra-chave:** Racismo Estrutural, Letramento Racial, Educação Antirracista.

A violência racial no ambiente escolar é uma manifestação clara do racismo estrutural que permeia a sociedade brasileira. Embora as instituições educacionais sejam associadas à formação cidadã, muitas reproduzem desigualdades e preconceitos. Esse cenário torna a violência racial um problema complexo, afetando alunos e professores negros. Carlos Alfredo e Diana (2023) destacam que o racismo não se limita a atos explícitos, mas também ocorre por meio de estereótipos, invisibilização e exclusão cultural. A ausência de representatividade nos materiais didáticos e a falta de preparo dos professores perpetuam ciclos de desigualdade. Esses autores corroboram relatos como os do professor Jonas Bispo, que aponta barreiras enfrentadas por alunos negros, como baixas expectativas docentes e maior vulnerabilidade a punições. Um dos principais desafios é a carência de letramento racial, tanto entre discentes quanto no corpo docente. O letramento racial refere-se à capacidade de refletir criticamente sobre dinâmicas de poder racial. Contudo, conforme observado em pesquisa realizada no Vale de Itajaí (Santa Catarina), muitos professores reconhecem a importância de discutir questões raciais, mas enfrentam dificuldades práticas, como a falta de formação continuada. Essa lacuna impede a construção de um ambiente inclusivo. Carlos Alfredo e Diana (2023) enfatizam que combater a violência racial exige mais do que medidas superficiais, como conteúdos esporádicos durante o mês da Consciência Negra. Para esses autores, é necessário promover uma transformação profunda nas práticas pedagógicas, integrando a temática racial ao currículo e criando espaços de diálogo. Além disso, destacam a importância de políticas de ação afirmativa para aumentar a representatividade de professores negros. Outro ponto relevante é a influência da linguagem no combate ao racismo escolar. Os educadores entrevistados apontam que as palavras moldam atitudes e comportamentos. Uma comunicação sensível

pode criar um ambiente acolhedor, enquanto discursos negligentes reforçam estereótipos. Nesse sentido, a formação continuada deve incluir estratégias para desenvolver um olhar crítico sobre o uso da linguagem. Por fim, a luta contra a violência racial exige compromisso coletivo. É fundamental promover campanhas de conscientização e atividades que estimulem o respeito à diversidade. A colaboração entre escolas, famílias e movimentos sociais é essencial para construir uma educação antirracista. Como resultado parcial, identificou-se que, embora a maioria dos educadores reconheça a importância de abordar questões raciais em sala de aula, há uma significativa lacuna formativa que os impede de atuar de forma efetiva e crítica. Muitos relatam desconforto ao tratar do tema, limitando-se a abordagens simbólicas — como ações pontuais no mês da Consciência Negra — e evitando discussões mais profundas sobre poder, privilégio e desigualdade racial. Ademais, observou-se que a linguagem utilizada no cotidiano escolar muitas vezes reforça estereótipos, evidenciando a necessidade urgente de formação continuada com foco em letramento racial. Em conclusão, a violência racial nas escolas reflete o racismo estrutural persistente. Superá-la demanda esforços contínuos, desde a formação dos educadores até a revisão das práticas pedagógicas. Como afirmam Carlos Alfredo e Diana (2023), somente com ações concretas será possível garantir uma educação justa e livre de preconceitos.

**Agradecimentos:** Juliana Mello - Tutora da Turma 41.